

Revista de Literatura,  
História e Memória

Narrativas da Memória:  
O Discurso Feminino

ISSN 1809-5313

VOL. 3 - Nº 3 - 2007

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 99-106

## DESORDEM E PAZ NAS MULHERES DA OBRA GRANDE SERTÃO: VEREDAS

LIMANSKI, Nilceia Rodrigues da Silva (G- UNIOESTE)<sup>1</sup>  
QUADROS, Talita Lidirene Limanski de (G- UNIOESTE)<sup>2</sup>  
BUSSE, Sanimar (UNIOESTE)<sup>3</sup>

**RESUMO:** Apresentamos neste texto algumas considerações sobre o gênero feminino na obra “*Grande Sertão: Veredas*”, de Guimarães Rosa. João Guimarães Rosa pertence à terceira geração do Movimento Modernista no Brasil e tem como uma de suas características o uso da narrativa como possibilidade de reconstruir o vivido e, dessa forma, tentar decifrá-lo. A vida e os afetos humanos, para Guimarães Rosa, só se concretizam e se explicam através de paradoxos que, como afirma o autor do romance, têm a função de exprimir o que não se pode dizer através das palavras. Compreender o elemento feminino nesta obra exige que se tenha em mente o lugar social que o gênero ocupa dentro da totalidade. O que se tem é um sertão que “carece de fecho”, um mundo de jagunços e de duras e próprias leis em que é preciso ser forte para, assim, assegurar a sobrevivência. A mulher, neste contexto, é vista como “sexo frágil” (por ser dona de uma estrutura física mais delicada), torna-se dependente do homem e, automaticamente, submissa a ele, cedendo seu corpo e sua existência para servir a seus caprichos. Fugir desta perspectiva só seria possível sendo Diadorim, a mulher às avessas. Mulher essa, que rouba a paz e põe em conflito o universo interior do protagonista Riobaldo, que só recupera sua tranquilidade por meio de Otacília, sua estrela-guia na busca pela reorganização de seu âmago.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feminino; sertão; significações.

**ABSTRACT:** In this text, we present some considerations on the feminine genre in the work “*Grande Sertão: Veredas*”, by João Guimarães Rosa. This author belongs to the third generation of the Modernist Movement in Brazil, and one of his characteristics is the use of the narrative as a possibility of reconstructing what was already experienced and, this way, deciphering it. For Guimarães Rosa, life and human affects are concretized and explained only by paradoxes that, as the novel’s author says, has the function of expressing what cannot be said by words. In order to understand the feminine element in this novel, it is necessary to keep in mind the social place occupied by the genre inside the totality. What we have is a sort of wild place – *sertão* – that “need closing”, a world of *jagunços* and of strict own laws, where one must be strong if he wants to assure the survival. In this context, the woman is seen as “the fragile sex” (for having a more delicate physical structure). For this reason, she becomes dependent on the man and, consequently, submissive to him, offering her body and her existence to give in to his whims. Escaping from this perspective would only be possible by being Diadorim, the woman “on the contrary”, who “steals” the peace of mind and establishes the conflict in the inner universe of Riobaldo, the protagonist. This character only recovers the peace with the help of Otacília, who leads him to the reorganization of his inner self.

**KEY-WORDS:** Feminine; the wilds; significations.

## O SERTÃO: ELEMENTO CATALISADOR DOS SENTIMENTOS HUMANOS

Guimarães Rosa pode ser considerado um autor que convida o leitor a um processo imaginativo que vai além daquilo que é considerado como possível. O mundo de *Grande Sertão: Veredas* exige do leitor mais do que a compreensão histórica dos fatos, mas o entendimento sobre as inquietações do homem do sertão que acabam representando a angústias de todo ser humano. Segundo Starling, trata-se de tornar visível no mundo suas formas potenciais, própria do fazer literário, e a faculdade de atuar, de criar nesse mesmo mundo novas formas mais satisfatórias de vida e de política a partir da imaginação.

De certo modo, esta capacidade de experimentar o mundo como realidade e como valor, permite, inclusive, ao fazer literário provocar, por suas reordenações e invenções, uma dúvida radical sobre a substância mesma de que é feita a política — a fatalidade da ação e das determinações que a orientam.

Em *Grande Sertão: Veredas*, a terra do sertão não obedece às nossas leis: é chão de jagunços, sem família, sem terra e sem causa, que lutam pelos motivos dos fazendeiros que deles precisarem em busca de proteção, munição e elementos necessários para que vivam suficientemente bem. É terra castigada pela miséria de aldeiazinhas que se afastam umas das outras e encerram os homens em seus pequenos mundos.

Emerso desse território característico onde literatura, política e história encontram suas raízes, Grande Sertão: Veredas pode ser entendido, entre muitas outras possibilidades, como a surda tentativa de iluminar uma visão do Brasil e convertê-la em palavras, por meio da contemplação espantada de um mundo arcaico, longínquo, fechado sobre si mesmo, supostamente imóvel e mítico – o Sertão. Como consequência, o núcleo central do romance consegue realizar o trabalho de recriar, literariamente, os pontos de tensão e de ancoragem entre uma configuração histórica bem-determinada – as relações sociais e de poder consolidadas ao longo dos primeiros cinquenta anos da República brasileira, especialmente durante a República Velha –, e as tentativas de transformação de uma comunidade territorial, lingüística, étnica ou religiosa numa república, vale dizer, numa forma de vida política duradoura, um espaço de interação de homens capazes de deliberarem livremente e em conjunto sobre questões que dizem respeito a um destino comum (STARLING, 2006).

O sertão construído por Guimarães Rosa torna-se, desta forma, muito mais do que o simples relato do contexto social, político e cultural; é uma reinvenção da realidade visando a extrair dos fatos características importantes que acabam sendo sublimadas e que somente a ficção pode desvelar. É um baralhar de tempos e

lugares ou, segundo Bosi (2005) “uma ruptura com as horas do relógio, um transcender as partições da geografia” em qual homem e Sertão se confundem, se misturam – “O jagunço é o Sertão”, é o mundo. Um mundo muito misturado, que não se restringe ao modo de narrar, mas se reflete mesmo na organização do livro – que não é dividido em capítulos, mas é composto de um bloco único.

O romance *Grande Sertão: Veredas* traduz uma espécie de síntese do projeto literário fundado na heteronímia do mito, no impulso ficcional de inscrever no cotidiano dos homens as possibilidades ainda latentes de uma determinada realidade, convidando-os a imaginar que as coisas no mundo poderiam ser diferentes do que realmente são. É uma obra dividida, como os pensamentos do homem – “O diabo existe ou não existe?” –, portanto, a mulher também é, por várias vezes, representada de forma contraditória (STARLING, 2006).

Dentro deste sertão, haveria somente duas perspectivas de vida para uma mulher: ser moça pura – protegida e preparada pela família patriarcal – que lhe defenderia a “honra” – para o casamento, quando se tornaria peça fundamental de uma outra família patriarcal e seguiria o mesmo rumo de sua mãe: sendo submissa ao marido e cuidando dos filhos; ou ser impura – entregando-se ao amor carnal, ao bel prazer dos homens, em busca da obtenção dos elementos necessários a sua sobrevivência. Podemos identificar esses moldes de mulher nas personagens Otacília e Nhorinhá.

Otacília é a mulher donzela, vive com Riobaldo um amor espiritual e idealizado, tal qual aqueles propostos pelas novelas de cavalaria. O cavaleiro parte para suas batalhas, mas deixa sempre a sua virgem à espera e é nela que ele ganha forças ao retornar de seus combates. Neitzel (1998), em sua tese sobre “Mulheres rosianas”, afirma que “Ela exprime em sua maneira de ser um perfil de mulher pura e casta que aponta para o idealizado. Riobaldo sente por ela um terno amor, beirando a proteção paterna”.

Já Nhorinhá, dentro deste contexto, não toma parte das exigências feitas a uma mulher que foi preparada para o casamento, “é mulher de muitos maridos” e tem o papel de revitalizá-los, de compensá-los, através do ato sexual, pelos sofrimentos provocados por aquela vida desgastante, para que sigam fortes em sua caminhada; ou, segundo Neitzel, “Nhorinhá mantém a chama do desejo acesa, não deixando o coração envelhecer, ela é a metamorfose em flor”.

No árido sertão, o espaço da mulher está sempre subjugado ao do homem, isso porque ela depende sempre dele. Otacília é frágil e doce demais para defender a si mesma: romper com a estrutura familiar em que se insere aniquilaria sua existência. Nhorinhá não é o arquétipo da moça-anjo, porém, depende da figura masculina para manter os seus luxos e até mesmo aquilo que é de necessidade básica. Tomando essas personagens como símbolos, veremos que a única forma de

transgredir a essa regra e sobreviver às dificuldades daquele meio social sendo mulher é tornando-se “Diadorim”, o avesso do gênero. Diadorim não teve o espelho de uma mãe, mas o de um pai valente e o das crueldades dos jagunços. Aprendeu que precisava ser diferente se quisesse sobreviver, ainda mais que cedo perdeu seu único protetor. Dessa forma, trilhou um rumo bem diverso do da “doce donzela” e também das prostitutas; seu modo de lutar pela sobrevivência foi entrar no universo da jagunçagem e vingar tudo aquilo que lhe fora tirado. A personagem passa a ser o oposto da mulher ideal: contida, obediente e dona de uma família. Torna-se dominadora e ríspida, um “cabra macho”.

As imagens do feminino podem ser representadas quanto aos sentimentos de Riobaldo da seguinte forma na obra: Nhorinhá é a prostituta, representa o amor físico. O seu caráter profano e sensual atrai Riobaldo, mas somente no aspecto carnal, enquanto Otacília, contrária a Nhorinhá, é a quem Riobaldo destina o seu amor verdadeiro (sentimental). É constantemente evocada pelo narrador quando este se encontrava desolado e saudoso durante sua vida de jagunço. Recebe a pedra de topázio de “seô Habão”, simbolizando o noivado. Já Diadorim representa o amor impossível, proibido. Ao mesmo tempo em que se mostra bastante sensível com uma bela paisagem, é capaz de matar a sangue frio. É ela que causa grande conflito em Riobaldo, sendo objeto de desejo e repulsa por sua identidade.

Analisemos agora, mais profundamente, qual é a influência que a presença feminina exerceu sobre Riobaldo em sua “travessia”. Isso se dará através da reflexão sobre duas personagens de forças paradoxais: Diadorim e Otacília.

## PAIXÃO DÚBIA

Muitos são os questionamentos que Riobaldo traz dentro de si, porém um dos que profundamente lhe toca é o sentimento que tem por seu companheiro jagunço Reinaldo (ou Diadorim). Essa paixão fervorosa, fundada no incerto, provoca uma grande confusão no interior do protagonista: ele está sempre em dúvida quanto ao viver ou não esse amor, que implica também a contestação de sua masculinidade. Assim, temos uma personagem em angústia constante, e, segundo Araújo (2005), em seu artigo *O feminino ocultado*, “instaura-se no jagunço uma luta interior, uma hesitação entre a dor e o gozo, permanecendo a constante dúvida: rejeitar ou aceitar o amor obscuro e nebuloso que ele encontra em Diadorim”.

A personagem torna-se, portanto, ao mesmo tempo toda a alegria e o desencanto de Riobaldo – que só toma conhecimento de que Reinaldo é mulher depois de sua morte –

e que o admira em tudo: a coragem, a ousadia e, inclusive, a beleza, numa paixão desvairada e impossível de se concretizar naquele contexto, que teria, portanto, de ser sufocada.

Diadorim, também demonstra por várias vezes no romance querer viver esse amor; porém, embora tenha a consciência de que é mulher, não poderia em hipótese alguma revelar isso, tendo em conta a vida que levava. Ser homem – mais do que homem, ser jagunço – era a sua forma de sobreviver e também de concretizar seu plano de vingança contra aqueles que traíram seu pai e seu tio. Espaço nenhum teria uma mulher em meio aos jagunços. Diadorim, que já havia sido treinada para ser forte por seu pai, sai pelo sertão na busca incessante de cobrar a morte de sua família, caminhada que só termina com sua morte. Enquadra-se, neste sentido, ao mito da donzela guerreira que Rajczuk (2006) explica:

[...] o mito da donzela guerreira é caracterizado, na maioria das vezes, pela menina, inteligente e racional, que não tem mãe e é criada pelo pai. Seu destino é não ter amantes nem filhos. Sua dedicação é exclusiva ao pai. Filha única, quando tem irmãs — pois raramente tem irmãos — é a primogênita ou a caçula. Ao assumir um comportamento masculino, passagem marcada pelo ritual de corte dos cabelos, a donzela-guerreira passa a usar trajes de homem, abdica das fraquezas femininas, esconde os seios e tudo que possa denunciar sua condição de mulher. Ela passa a tratar seus ferimentos em segredo e a tomar banho escondida. Normalmente sua identidade é descoberta quando seu corpo é ferido.

Diadorim não era só uma criatura rude: apresentava os gestos firmes de um jagunço, mas não pôde negar por completo seu gênero. A personagem é bela e é justamente por ser bela que, segundo Araújo, seu pai decide ocultar essa formosura na tarefa de ser homem, e não qualquer homem, mas um homem valente. Além disso, Reinaldo, o corajoso, se transforma em Diadorim apenas para Riobaldo, revelando o desejo de se expor como mulher. E ainda se pode perceber certo ciúme em suas exigências para que Riobaldo deixe de procurar mulheres, sempre oculto em desculpas que facilmente poderiam ser derrubadas:

Vai, e vem me intimou a um trato: que, enquanto a gente estivesse em ofício de bando, que nenhum de nós dois não botasse mão em nenhuma mulher. Afiançado, falou: – “Promete que temos de cumprir isso, Riobaldo, feito jurado nos Santos-Evangelhos!” Severgonhice e airado avejo servem só para tirar da gente o poder da coragem... Você cruza e jura?! Jurei. (ROSA, 2001, p. 207).

Podemos, assim, notar que a personagem deixa escapar muitas vezes seu instinto feminino, deixando transparecer a reciprocidade da paixão que Riobaldo lhe dedicava. Motivo de maior amargura para o protagonista que se

sentia ainda mais confuso. Foi com Diadorim que aprendeu a admirar a natureza, ele que tantas vezes lhe proporcionou segurança e consolo era também todo o seu conflito interno, toda a guerra contra suas vontades. Era sua agonia cotidiana a repulsa e o desejo daquele “homem de armas”.

Isso faz com que o protagonista viva numa constante agonia, que não só persiste durante a sua travessia, como permanece quando Reinaldo é revelado – após sua morte – como mulher. Riobaldo sente, então, uma espécie de dor e remorso que permaneceram ainda durante muito tempo em seu coração.

#### OTACÍLIA: AMOR PARA SERENAR

Diante da paixão tresloucada provocada por Diadorim, numa leitura superficial, poderíamos julgar o amor de Riobaldo e Otacília como um elemento de segundo plano no desenrolar do romance. Porém, essa história amorosa é tão importante na “travessia” de Riobaldo quanto os questionamentos gerados pelos sentimentos contraditórios que o protagonista alimentava pelo companheiro jagunço. Otacília age como instrumento de resgate de Riobaldo do mundo profano da jagunçagem. Ela representa a vida estável, a vivência dos valores familiares e também pode ser considerada como uma fonte de energia para o protagonista. Diferente de Nhorinhá, que o revitalizava através do ato sexual, Otacília era a mulher que sustentava o espírito do jagunço através de sua inspiração.

Otacília vive com Riobaldo um amor idealizado, pois ela é a imagem da mulher perfeita naquele contexto histórico-social: bela, virgem e de conduta moral e cristã perfeitas. É a mulher-anjo que vem em direção ao protagonista visando a restituir-lhe a paz e a tranqüilidade de uma vida correta. Apresenta um amor a ele desconhecido, diferente daquele que havia encontrado nos braços de Nhorinhá – o amor carnal – e também do que viveu nas mãos de Diadorim – a paixão desvairada –, um sentimento capaz de minimizar os sofrimentos e as contradições de seu âmagô. Podemos comparar este relacionamento com os que são propostos nos romances de cavalaria, como os da *Novela do Santo Graal*, nos quais os cavaleiros, ao partirem para suas batalhas, deixavam sempre a sua espera uma bela donzela, que lhes servia de inspiração durante a luta:

Mas eu cacei melhor coragem, e pedi meu destino a Otacília. E ela, por alegria minha, disse que havia de gostar era só de mim, e que o tempo que carecesse me esperava, até que, para o trato do nosso casamento, eu pudesse vir com jus. (ROSA, 2001, p. 213).

Otacília abastece Riobaldo de energia e de desejo de retorno. É uma espécie de estrela-guia pelos caminhos do Sertão na intensa busca do protagonista por sua renovação, ou seja, por sua salvação. Papel semelhante exerce Beatrice, na obra *Divina Comédia*. A personagem é a mulher “poço de virtudes” e surge na jornada pelo inferno, purgatório e paraíso para guiar Dante Alighieri pelo caminho que lhe garantiria a salvação de sua alma. Nunes (1976) explica essa semelhança em seu ensaio *O amor na obra de Guimarães Rosa*:

[...] em fortalecimento das afinidades entre o poeta da *Divina comédia* e o criador de *Grande sertão: veredas*, lembramos a figura de Otacília, semelhante a uma Beatrice consoladora, cuja lembrança sossegada guia Riobaldo nas passagens sombrias de sua grande aventura e nele faz nascer a expectativa de um fim plenificador de seus desejos, estado de felicidade quieta, com fecho venturoso de uma seqüência de erros e enganos, de casuais descaminhos, que finalmente se retificam, e deixam entrever o caminho que se insinua através deles.

Somente este sentimento manso, que transcende o amor carnal e vai em direção ao amor espiritual, seria capaz de promover a transfiguração do jagunço perdido num mundo obscuro e profano em um homem digno, de vida e alma limpas. A elevação moral de Otacília – assim como a pureza de Beatrice – contrasta com a rudeza de espírito de Riobaldo que, como Dante, está perdido num vale tenebroso, representado aqui pela jagunçagem. E é justamente este contraste que gera a vontade de transformação. Tanto no caso da personagem de *Grande Sertão: Veredas*, quanto na personagem da *Divina Comédia*, a aproximação da amada só poderia ocorrer quando estes fossem dignos de estarem perto delas. Por isso, para partilhar do mundo de Otacília, Riobaldo precisava reorganizar-se internamente e também abandonar definitivamente o universo jagunço. Era necessário passar por todas as situações paradoxais que viveu para que fosse possível encontrar em Otacília e seu mundo organizado, no final de sua “travessia”, a paz que havia perdido, ou talvez nunca tivesse conhecido; assim como Dante precisou passar pelo inferno e pelo purgatório para chegar ao paraíso no qual sua amada e salvadora se encontrava.

Após a morte de Diadorim, Riobaldo – ainda de âmago ferido – torna à Otacília que, reforçando seu caráter revitalizador no romance, recupera-o e lhe abre as portas da salvação – representadas, neste contexto, pela vida harmoniosa sustentada pelo casamento e pelos valores familiares.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta é mais uma das leituras feitas da obra que representa o ponto mais alto da trajetória de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão Veredas*, já que, segundo Antonio Cândido (2006), “este é um romance de inesgotáveis possibilidades para quem sabe ler”.

Buscamos recuperar mais um dos tantos paradoxos existentes na obra – que está fundamentada no paradoxo entre o bem e o mal, Deus e o diabo –, o qual diz respeito à representação da mulher na obra. Ela aparece como fator que influencia diretamente o espírito do Riobaldo; provoca nele a paixão desvairada, mas também o torna capaz dos mais finos sentimentos do amor. Alimenta suas forças, mas também lhe rouba a paz, ou seja, é, em suas mais diversas faces e ao mesmo tempo, desordem e paz no interior do protagonista.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Letras Português/Italiano – Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE, *campus* de Cascavel.
- <sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Letras Português/Italiano – Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE, *campus* de Cascavel.
- <sup>3</sup> Professora do Colegiado do Curso de Letras Português/Espanhol/Inglês/Italiano – Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE, *campus* de Cascavel.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Paulo Roberto Monteiro. O Feminino ocultado. In: *Todas as letras: revista de língua e literatura*. ano 7. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2005.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 42. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

CÂNDIDO, Antonio. O super realismo de Guimarães Rosa. In: *Jornal da USP*, ano XXI, maio de 2006. Disponível em: <<http://www.usp.br/georusp/arquivo/2006/jusp763/pag14.htm>>. Acesso em: 1º out. 2006.

NEITZEL, Adair de Aguiar. *Mulheres rosianas* – 1998. Disponível em: <<http://br.geocities.com/ciberliteratura/disserta/index.htm>>. Acesso em: 1º out. 2006.

NUNES, Benedito. O amor na obra de Guimarães Rosa. In: *O dorso do tigre*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

RAJCZUK, Leandra. As muitas faces da donzela guerreira. In: *Jornal da USP*, ano XIV, out. 1998. Disponível em: <[http://www.usp.br/jorusp/arquivo/1998/jusp449/manchet/rep\\_res/rep\\_int/cultura2.html](http://www.usp.br/jorusp/arquivo/1998/jusp449/manchet/rep_res/rep_int/cultura2.html)>. Acesso em: 1º out. 2006.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

STARLING, Heloisa Maria Murgel. Imagens do Brasil: Diadorim. *Revista Semear*. Vol 5. Disponível em: <[http://www.letas.puc-rio.br/Catedra/revista/SSem\\_12.html](http://www.letas.puc-rio.br/Catedra/revista/SSem_12.html)>. Acesso em: 1º out. 2006.